



REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA NOS ROMANCES ÚRSULA E EU, TITUBA, FEITICEIRA... NEGRA DE SALEM



Jéssica Catharine Barbosa de CARVALHO*
Alcione Corrêa ALVES**

RESUMO

Neste trabalho pretende-se analisar o romance afro-brasileiro **Úrsula**, de Maria Firmina dos Reis, relacionando-o à obra da escritora guadalupense Maryse Condé, **Eu, Tituba, Feiticeira... Negra de Salem**, tendo como ponto de partida duas personagens centrais das duas narrativas: Susana e Tituba, duas mulheres negras que possuem em comum o trauma de terem em sua história a marca da travessia no porão do navio negreiro entre os continentes africano e americano. Susana, ainda jovem, capturada em seu continente de origem, a África; e Tituba, ainda no ventre de sua mãe, concebida por meio de um estupro no interior do navio. Susana mostra-se como personagem fundamental para o entendimento da posição de Maria Firmina dos Reis; ao narrar o seu cativeiro em primeira pessoa, no capítulo IX do romance, a personagem africana demonstra plena consciência da situação do negro que é escravizado e transportado a força da sua terra de origem. Já na obra de Maryse Condé, recuperando um fato histórico do século XVII, a escritora apresenta desde o princípio uma personagem marcada pela condição de negra no período, aparecendo como detentora de uma espécie de destino que assinalaria toda a sua existência. Desse modo, ambas apresentam uma forma de representar a mulher negra americana, situando suas histórias em espaços e tempos determinados acabam por se aproximar no que tange a condição de ambas em meio às sociedades patriarcais.

Palavras-chave: Susana. Tituba. Sociedade patriarcal. Escravidão

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho realiza-se o estudo de duas obras literárias afroamericanas, são elas: **Úrsula**, de Maria Firmina dos Reis e **Eu, Tituba, feiticeira...**, de Maryse Condé, no qual destacaremos o romance afro-brasileiro de Maria Firmina dos Reis,

* Discente do curso de Letras-Português pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

** Doutor em Literatura Francesa e Francófonas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Adjunto da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

publicado em 1859. Nos romances, temos em comum o fundamental papel de mulheres escravizadas e a narração de suas experiências sob o jugo do sistema escravista, sendo que elas, Susana e Tituba, narram suas vivências em períodos diferentes da história, bem como em espaços e condições distintas, fazendo sobressair as diferenças que perpassam suas trajetórias.

Conforme Eduardo de Assis Duarte (2008), a literatura afro-brasileira ainda é um termo em construção, que vem se destacando no cenário nacional e possui características próprias, que a individualizam em relação aos demais tipos de literatura. Se por um lado se reconhece a cultura negra através da dança, da culinária, da religiosidade, e mesmo por outras práticas ditas mais **populares**, questiona-se o porquê de não haver o reconhecimento desta cultura também em um âmbito considerado mais erudito ou ilustrado, tal como as produções literárias. Assim, Duarte aponta a Literatura afro-brasileira como parte integrante da literatura nacional, mas com um projeto específico:

O de edificar, no âmbito da cultura letrada produzida pelos afro-descendentes, uma escritura que seja não apenas a sua expressão enquanto sujeitos de cultura e de arte, mas que aponte o etnocentrismo que os exclui do mundo das letras e da própria civilização. Daí seu caráter muitas vezes marginal, porque fundado na diferença que questiona e abala a trajetória progressiva e linear da historiografia literária canônica (DUARTE, 2008, p. 22).

Desse modo, partindo de cinco características e pressupostos teóricos, apontados por ele como **constantes discursivas**, o escritor caracteriza a literatura negra no Brasil, são eles: A temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público. Cinco elementos que agem isoladamente e também em conjunto, necessários para a classificação da Literatura afro-brasileira porque, mesmo dentro da academia, muitos ainda indagam a importância ou mesmo a existência deste tipo de literatura.

Na presente pesquisa, busca-se entender alguns pontos que caracterizam a literatura afro-brasileira a partir da obra de Maria Firmina dos Reis, **Úrsula**, que é considerado o primeiro romance de cunho abolicionista publicado por uma mulher no país, conforme Mott (1988) e Duarte (2011). Correlato a este objetivo, busca-se identificar o lugar deste romance relacionando-o a outra obra literária, **Eu, Tituba, feiticeira...**, na qual, assim como em **Úrsula**, destaca-se o papel da voz feminina e a

narração pela personagem de um episódio em comum: a travessia, do continente africano ao americano no porão do navio negroiro.

2 ÚRSULA: OUSADIA E SUBVERSÃO NA SOCIEDADE OITOCENTISTA

Maria Firmina dos Reis, autora do romance **Úrsula**, defendia ideias que iam de encontro às campanhas abolicionistas, demonstrando, dessa forma, uma posição política antiescravagista no decorrer desta obra, bem como através de atitudes hoje conhecidas, dentre as quais Moraes Filho (1975, s.p) destaca, na obra **Maria Firmina: fragmentos de uma vida**, a fala de Maria Firmina dos Reis ao recusar ser transportada de palanquim para receber o título de professora, afirmando que “negro não é animal para se andar montado nele”. Além disso, a escritora também compôs o hino em comemoração à abolição da escravatura, em 1888.

Apesar dos personagens principais do romance **Úrsula** serem brancos, destaca-se a posição dos personagens negros, em especial Túlio e Susana, que crescem em importância no decorrer da obra. Assim,

Maria Firmina situa-se ao lado daqueles autores que condenam a escravidão porque ela era contrária às leis de Deus, e que acreditavam que o negro, apesar dos anos vividos sob o cativeiro, não tinha perdido as suas qualidades naturais (MOTT, 1989 *apud* MUZART, 2013, p. 254).

Algemira Mendes (2006) aborda em sua tese aspectos da vida e obra da escritora Maria Firmina dos Reis, enfatizando o tom antiescravagista da obra através do destaque dado aos personagens negros do romance que, diferente de outras produções do período, são retratados como as vítimas de um sistema desigual, que os inferioriza socialmente, segundo ela:

Ao dedicar o capítulo a uma negra africana, Maria Firmina dos Reis inova, porque, até onde se sabe, na literatura, o negro não era concebido como ser humano. É por intermédio das reminiscências da personagem preta Susana que a escritora faz a tentativa de avisar ao despreocupado leitor de século XIX quão brutal e desumana é a forma pela qual o homem livre é transformado em cativo (MENDES, 2006, p. 104).

A personagem Susana é caracterizada na narrativa como uma negra idosa escravizada, transportada do continente africano ao americano ainda jovem, desse modo, tornando-se pertencente a uma terra estranha em condição de inferioridade frente ao sujeito branco. Édouard Glissant, no primeiro capítulo do livro **Introdução a**

uma Poética da Diversidade (2005), apresenta três tipos de migrantes que são responsáveis pelo (re)povoamento do continente americano, os quais podemos relacionar aos romances analisados neste trabalho, são eles: o migrante armado, o conquistador ou fundador de determinado território; o migrante familiar, o povoador do espaço, que traz consigo uma cultura, uma língua e objetos materiais; e o migrante nu, o sujeito transportado à força, que é arrancado da sua terra de origem e levado a outro espaço após ser despojado de tudo o que lhe pertence.

Este último é o tipo de migrante que representa os negros marcados pelo sistema escravocrata, um sistema de opressão que, de diversos modos, assinalou uma “conversão do ‘ser’” (GLISSANT, 2005, p. 18) através de um conjunto de desapossamentos impostos aos sujeitos que viveram a experiência da escravização. Conforme o autor, o migrante nu é “aquele que foi transportado a força para o continente e que constitui a base do povoamento dessa espécie de circularidade fundamental que, no meu entendimento, o Caribe constitui” (GLISSANT, 2005, p. 17). Ainda conforme o autor sobre os indivíduos marcados pelo sistema escravista,

[...] os africanos chegam [à América] despojados de tudo, de toda e qualquer possibilidade, e mesmo despojados de sua língua. Porque o ventre do navio negreiro é o lugar e o momento em que as línguas africanas desaparecem, porque nunca se colocavam juntas no navio negreiro, nem nas plantações, pessoas que falavam a mesma língua. O ser se encontrava dessa maneira despojado de toda espécie de elementos de sua vida cotidiana, mas também, e sobretudo, de sua língua (GLISSANT, 2005, p. 17).

Em trecho do romance em que a personagem Susana narra seu cativeiro, ela se enquadra na definição de Glissant como uma migrante nua, dando ênfase a saudade e ao doído sentimento de perda experimentado desde o momento em que foi capturada: “E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade!” (REIS, 2004, p. 115)

Melissa Mendes, em estudo sobre as representações das mulheres do romance de Maria Firmina dos Reis, apresenta Susana destacando três aspectos principais da personagem, fazendo sobressair a condição de dupla submissão que é imposta a Susana, sendo mulher, negra e escravizada em meio a sociedade patriarcal, desse modo, Susana é mostrado com as seguintes características: ela é mulher, portanto sensível; mãe, de uma pequena filha que foi obrigada a deixar na

África e de Túlio; e escravizada, condição imposta em terra estranha e que não a pertence, dentre essas características, segundo Mendes (2013, p. 130),

A questão mais importante na análise da personagem negra-mãe Susana, é a escravidão. Maria Firmina dos Reis dá voz à escravizada, fazendo que esta revele ao leitor o lado desumano da instituição escravista. Susana afirma, inclusive que ‘tudo me obrigaram os bárbaros a deixar!’ [...], o que inverte o discurso em que o negro africano é mostrado como bárbaro e o branco europeu como civilizado. Na verdade, durante a narrativa, esses papéis se invertem constantemente.

Nesse contexto, Susana mostra-se como personagem fundamental para o entendimento da posição de Maria Firmina dos Reis. Ao narrar o seu cativeiro em primeira pessoa, no capítulo IX do romance, a personagem africana cresce e demonstra plena consciência da situação do negro que é escravizado e transportado a força no navio negreiro. Desse modo, Susana entra em contato com uma nova cultura, que não pode se unificar com a que trazia de seu país de origem, pois carregando sua própria cultura, manifestada através da língua, da história, das memórias que são reveladas, acaba sendo obrigada a revestir-se de uma nova cultura que lhe foi imposta, perde tudo o que possuía ao ser transportada para o Brasil, restando-lhe apenas fragmentos de memória. Assim, Susana possui a voz da verdade histórica, que narra acontecimentos que tentam apagar da vida social que se construía no novo país. O relato de Susana é vivo e demonstra a posição da personagem frente à instituição:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativeiro no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nesta sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! (REIS, 2004, p. 117)..

A narração da viagem no navio negreiro é repleta de construções que possuem semelhanças com o que de fato ocorria aos negros escravizados, assim, segundo Mendes (2006, p.116), o relato de Susana assemelha-se a uma descrição real do personagem histórico Garbo Baquaqua, em que ele conta sua própria história no porão do navio negreiro.

O relato enfatiza o terror ocorrido nos navios, e a barbaridade praticada pelos ditos “homens civilizados”¹. Assim, Maria Firmina dos Reis coloca em sua personagem a perspectiva política contrária à escravidão, destacamos, assim, o ponto de vista da escritora, que deixa seus personagens se expressarem, mostrando a crueldade das situações que vivenciavam.

O romance publicado pela escritora correlaciona-se com outras publicações do período em que contribuía para jornais na província do Maranhão, onde também publicou o conto **A Escrava**, no jornal “A revista maranhense”, em 1887. Desse modo, as produções da escritora demonstram sua posição antiescravagista, e mostram-se como exemplo de insubmissão às práticas da instituição escravocrata, caracterizando sua obra dentro do contexto da Literatura afro-brasileira, através da denúncia e valorização da história dos personagens negros.

3 EU, TITUBA, FEITICEIRA... NEGRA DE SALEM: UMA ABORDAGEM DO PRECONCEITO RACIAL NA SOCIEDADE PATRIARCAL

Maryse Condé constrói a personagem Tituba, oferecendo ao leitor a história de uma negra marcada por sua condição numa sociedade patriarcal, que aos poucos adquire e manifesta consciência em relação às barbaridades dos grupos formados por indivíduos brancos e preconceituosos, que veem na cor de Tituba um laço com o Mal. O uso da primeira pessoa prevalece, assim, Condé utiliza como mote para a narrativa os fragmentos históricos da confissão de Tituba sobre as

¹ Denny Cuche, ao abordar os termos “cultura” e “civilização” trata a questão da origem do significado das palavras no decorrer dos séculos XVIII e XIX, afirmando que foi a ideia inglesa de cultura que originou na França o que se conhece por civilização, os dois termos apresentando-se no mesmo campo semântico, mas encontrando na França o significado de unificação nacional. A apreensão do termo cultura pelo Iluminismo inglês e francês no século XVIII refletia “o universalismo e o humanismo dos filósofos [...] a palavra é associada às ideias de progresso, de evolução, de educação, de razão que estão no centro do pensamento da época” (CUCHE, 1999, p. 21), representava, acima disso, unidade. No entanto, após a chegada dessas duas ideias à Alemanha, os termos tornaram-se, a partir de um uso iniciado pela classe média alemã, opostos, sendo cultura aquilo que é mais espiritual, autêntico e que provoque o enriquecimento intelectual, para logo após tornar-se ligado a ideia de nação e conquistas nacionais que identificam um povo; e civilizado o que é superficial, possuidor apenas de uma aparência brilhante, e em seguida como mostra do progresso de um povo, externado pelo desenvolvimento material e econômico. Em suma, as ideias francesas correspondiam ao universalismo, ao passo que as alemãs eram mais particularistas, essa oposição acabou gerando, já no século XX, profundos conflitos entre os povos em meio a Primeira Guerra Mundial, e a defesa de ideias fez com que as palavras se tornassem mostras de um poder que foi utilizado como se fossem armas. Nesse sentido, o homem civilizado seria detentor de um poder intrínseco a ele, resultado de conquistas individuais ou coletivas que o fariam detentor do domínio sobre seu semelhante, o que, por fim, provocaria a barbárie.

práticas de feitiçaria em Salem, o que “possibilita que a autora se enquadre no projeto narrativo, atualize os feitos e os fatos e conte, de forma simbólica, sua história pessoal de opressão”. (HANCIAU, 2004, p. 243)

Rememorar e reescrever o fato histórico permite que Maryse Condé recontar a situação histórica do Caribe de hoje e de séculos atrás, buscando sua própria identidade em meio a essa história, assim, o esquecimento de tantas vítimas das atrocidades da colonização possibilita a Maryse Condé escrever uma nova história, dessa vez sob o ponto de vista dessas vítimas.

Tituba é caracterizada no romance como uma mulher que se modifica no decorrer da narrativa, alcançando progressivamente a conscientização sobre o que significa ser negra e saber lidar com elementos naturais, tudo isso em uma sociedade patriarcal composta por diversos fanáticos religiosos, que utilizam o nome do Deus cristão, as leituras e orações do livro sagrado, a Bíblia, para fundamentarem as práticas de preconceito contra os negros; e para apontar um caráter herege nas artes de Tituba, bem como a interferência de Satanás na sociedade.

A personagem Tituba passa por diversas transformações no decorrer da narrativa, o que se deve ao fato de ela manter contato com pessoas de origens e culturas diferentes da sua, igualando-se apenas no que diz respeito à sua marginalização social. É desse modo que a personagem conhece John Índio, que a faz ter consciência do seu próprio corpo e do prazer; Hester, que faz com que Tituba perceba a desigualdade de gêneros; a relação entre as duas mulheres é marcada pela seguinte frase: “Branco ou negro, a vida é bastante generosa para com os homens!” (CONDÉ, 1997, p. 144), enfatizando-se a dupla marginalização e opressão da mulher negra.

Desse modo, conforme Hanciau (2004, p. 266-267), “em contextos de múltiplas opressões, a subjetividade de Tituba modifica-se. Isso decorre do diálogo com os outros povos marginalizados e com outros sistemas sociais [...] Tituba passa de uma identidade a outra e, finalmente, da alienação à conscientização.” O contato com as mulheres brancas que a repudiaram, ou as mulheres negras que a ensinaram sua arte, com os homens brancos que a violaram, ou com o seu amante em Barbados, faz com que seja revelado a Tituba as diversas faces da sociedade, o que implica na sua transformação e modo de olhar o outro.

Na narrativa, a arte da personagem é um dos pontos de maior destaque, o que faz com que se retome a conhecida história dos julgamentos inquisitoriais da Idade Média no continente europeu, onde diversas mulheres foram mortas por conta de práticas apontadas como feitiçaria. Conforme as atitudes da própria personagem, a feitiçaria, de origem africana, não possui esse caráter negativo, Condé esclarece que “ela não é considerada um elemento maléfico e execrável, mas intermediário entre o mundo visível e o invisível” (CONDÉ, 1993, p. 54 *apud* HANCIAU, 2004, p. 267). Por meio da obra, a escritora utiliza-se deste olhar sobre a prática para expor o preconceito, e não apenas em um contexto limitado ao período em que se passa a história, ampliando-se para os dias atuais. Desse modo, constrói a personagem Tituba como representação de uma identidade feminina que não rejeita sua cultura africana, continuando sua arte mesmo quando ela era motivo de ameaça para sua própria vida em meio à sociedade preconceituosa em que estava inserida.

A origem africana de Tituba não era plenamente conhecida da personagem, no entanto, assim que foi apresentada a ela, deu sequência aos ensinamentos e demonstrou valorização daquilo que lhe era ensinado. Quando finalmente entrou em contato com a cultura religiosa dos homens e mulheres brancas através de Susana Endicott, não reconheceu sentido naquilo, preservando sua arte. Assim, sua identidade é construída de forma a desempenhar um papel diferenciado de representação da mulher negra, mostrando as problemáticas advindas das crueldades praticadas no decorrer da instituição escravista, assim, conforme Sousa (2013, p. 7, grifos do autor),

*A obra *Eu, Tituba, feitiçeira... Negra de Salem* de Maryse Condé apresenta uma mulher, negra e feitiçeira como protagonista de uma escrita de autora feminina. O tema central pretendido para análise trabalha a construção da identidade feminina negra. Maryse Condé, através da sua personagem, discorre acerca de problemas relacionados ao deslocamento do africano para as Américas. E, ainda, uma personagem negra e escrava que, na condição de deslocada e invisível, representa ante essa sociedade que a exclui o legado da tradição, da religiosidade e da cultura oriundas da África.*

Assim, com esta obra, Condé analisa e expõe a questão do preconceito racial na sociedade ocidental, dando ênfase ao olhar do sujeito branco sobre os negros, enxergando-os apenas como seres inferiores e malignos, dado a cor de suas peles. O reconhecimento progressivo da identidade de Tituba pela personagem marca o

crescimento da protagonista, desenvolvendo-se o paralelo entre o passado e o presente.

Tituba argumenta na obra em relação ao caráter predominante da sociedade que mais a ofendeu, na região de Salem, onde era rodeada de pessoas que apenas manifestavam o mal, mesmo aquele que tanto temiam, conforme a personagem, “Salem era isso! Uma comunidade onde se pilhava, enganava, roubava por trás do nome de Deus, capa que tudo escondia” (CONDÉ, 1997, p. 114).

Com diversas acusações contra o dom de Tituba e a denominação de feiticeira dada pelos outros, a personagem é enganada e condenada em Salem, onde deveria ser presa e pagar por espalhar o seu poder e o suposto pacto com Satanás, que teria iniciado uma onda de ataques misteriosos nas crianças da cidade. Inicialmente, Tituba apenas se entristece pelo modo como foi enganada, e sofre as consequências de ter utilizado o seu dom para fazer o bem aos brancos, no entanto, ao se dar conta do poder que lhe seria conferido no interrogatório em relação ao que havia ocorrido, resolve se vingar dos sujeitos que a colocaram naquela situação, fazendo-os temer e pagarem juntamente com ela pelo caos que havia se manifestado em Salem.

Sim, eu ia me vingar! Iria denunciar e, do alto desse poder que me conferiam, desencadear a tempestade [...]
Quem eles queriam que eu denunciasse?
Atenção! Eu não ia me contentar em denunciar as infelizes que caminhavam comigo na lama. Eu ia bater forte. Ia bater na cabeça. E eis que na extrema miséria em que me encontrava, o sentimento do meu poder me embriagava! Ah, sim, o meu John Índio tinha razão. Aquela vingança com a qual eu tinha frequentemente sonhado, me pertencia, e pela vontade deles próprios! (CONDÉ, 1997, p. 124).

Nesse momento nota-se a mais visível tomada de consciência da personagem sobre sua condição. A partir do momento em que percebeu que finalmente seria ouvida, pensou em vingar-se em uma demonstração de resistência contra a sociedade composta pelos sujeitos brancos que a colocaram naquela situação. No interrogatório, Tituba faz com que os presentes temam, confirmando que vê Satanás e que havia sido uma das responsáveis por aquilo que a acusavam, satirizando a crença daqueles indivíduos ao mesmo tempo em que apontava a hipocrisia daquela sociedade.

A valorização da cultura e crenças africanas ocorre em toda a narrativa, bem como a forma de se abordar a questão do direito de propriedade na relação entre

senhor e escravizado. Abena, mãe de Tituba, é personagem central para se compreender o ponto de vista da escritora ao tratar da escravidão; a personagem sofre duas vezes com as imposições de homens brancos, a primeira no navio negreiro *Christ the King*, quando não pode se defender e, vítima do fetiche pela jovem pele negra, foi estuprada, ato que deu origem a Tituba.

A narração do estupro no navio é o início da narrativa, mas marca toda a vida de Tituba, não apenas por ser negra, mas também por ser mulher. No capítulo seis da primeira parte da obra, Maryse Condé aponta a inferiorização das mulheres, sejam elas brancas ou negras. Elizabeth, esposa de Samuel Parris, o segundo senhor de Tituba, compartilhava do terror que Tituba sentia por esse homem. A mulher, fraca e debilitada, transparecia apenas medo e os maus-tratos que sofria nas mãos de seu marido.

Desse modo, todo o romance é marcado pela denúncia contra toda sociedade patriarcal e os princípios que a regem, provocando a marginalização de todo e qualquer sujeito que não se enquadre na definição homem, branco, heterossexual. A história contada por Maryse Condé não se encerra naquele período histórico, ao contrário, ganha identificação entre vários indivíduos da sociedade atual.

4 A INSUBMISSÃO DA MULHER NEGRA EM ÚRSULA E EU, TITUBA, FEITICEIRA... NEGRA DE SALEM

O conceito de Literatura Afro-brasileira apontado por Duarte (2009), exposto a partir dos cinco aspectos que caracterizam este tipo de literatura, contribui para um maior entendimento da posição da obra de Maria Firmina dos Reis no contexto da Literatura Brasileira. Ao publicar o romance, a escritora demonstra uma atitude nova, apontando o caráter de denúncia do gênero romance, que permanecerá nas décadas seguintes (DUARTE, 2004, p. 268).

Tendo sido, segundo Mendes (2006) e Duarte (2004; 2009) a primeira mulher a escrever um romance no país e sendo ele de cunho abolicionista, Maria Firmina dos Reis surpreende pela atitude subversiva ao enfrentar o sistema escravocrata ainda forte no Brasil. A personagem negra Susana, “*alter ego* da escritora” (MENDES, 2006, p. 98), ao ser apresentada como autora de seu próprio discurso e tendo a voz de sua Memória elevada, promove a reflexão acerca das práticas cruéis

empregada aos negros no período da escravidão, sendo revelada em tom de denúncia os maus-tratos sofridos pelos negros escravizados, do momento de sua captura no continente africano até sua chegada à América escravista. Desse modo, conforme Muzart (2013, p. 255) “Maria Firmina dos Reis vai se inspirar na ideia do “bon nègre” que, tal como o “bon sauvage” também nasceu na França”, pois apresentava seus personagens em perspectiva diferente do que a dominante socialmente, que via o negro como ser inferior, sem moral ou sem pudor.

Susana corresponde também a um dos tipos de migrantes que povoaram o continente americano, apresentando-se como sujeito que perdeu tudo o que lhe pertencia ao ser capturada: “pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade” (REIS, 2004, p. 117), e tudo quanto pudermos imaginar. Desse modo, é caracterizada como uma *migrante nua*, conforme o conceito glissantiano.

A identidade da personagem Susana é construída de forma progressiva no romance, alcançando seu ápice no capítulo IX, em que a força do indivíduo escravizado e o seu discurso repleto de consciência é colocada como ponto de partida para promover uma reflexão no leitor do século XIX, que não reconhecia como crueldade o que era praticado pela instituição escravocrata vigente no país. Desse modo, Maria Firmina parece ter entendido bem as visões sociais do período, tanto em relação às mulheres quanto em relação aos negros escravizados, transparecendo, desse modo, almejar uma sociedade mais igualitária.²

Um momento interessante da resistência de Susana ocorre também quando vai a caminho da fazenda de Fernando P., o homem que tanto a maltratou, no entanto, a velha negra já não teme a ira do comendador, assim como não teme a morte, que virá de forma muito mais digna do que a traição de suas próprias convicções, que a inocentam de toda e qualquer acusação proferida por Fernando P., desse modo, ela caminha em direção ao que lhe é infligido, mas vai em paz com a própria consciência:

² Conforme Mendes, na obra de Maria Firmina dos Reis encontramos uma posição ideológica que procura igualar as raças, desmistificando discursos preferidos no meio científico, e também cristão, em relação à superioridade da raça branca e europeia: “Além do discurso cristão, baseado na maldição de Cam, havia também o científico, referenciado em obras como: A desigualdade das raças humanas (1853), de Arthur de Gobineau, A origem das espécies (1859), de Charles Darwin, teoria da evolução das espécies, que acabou gerando outros tipos de evolucionismos, como o histórico, representado pelo positivismo de Comte, e o antropológico na teoria de Lewis H. Morgan (1877), segundo a qual a humanidade passaria necessariamente por três etapas progressivas: selvageria, barbárie e civilização. Assim, os índios estariam na selvageria, os africanos na barbárie e os europeus seriam representantes da civilização” (MENDES, 2013, p. 134-135).

Susana não vinha atada à cauda de um cavalo, caminhava com a fronte erguida, e com a tranquilidade do que não teme; porque é justo.

- Foge Susana! – bradou-lhe da orla da estrada uma voz forte: ela pareceu nada ouvir e o padre continuou [...]

- Fugir? Não, meu senhor. Não sabeis que estou inocente?

- Louca – tornou ele – toma o meu cavalo e foge. Que importa àquela fera a tua inocência? Acaso não conheces o comendador?

Susana replicou-lhe com vivo reconhecimento:

- O céu vos pague tão generoso empenho, mas os que estão inocentes não fogem. (REIS, 2004, p. 187)

Nesse e em outros momentos da narrativa a personagem manifesta, assim, a consciência sobre os males da instituição escravista e a desigualdade de relações, fazendo com que reconheça muitos dos princípios que regem a sociedade patriarcal.

No romance de Maryse Condé, a personagem Tituba passa por um crescimento progressivo do reconhecimento de sua situação como negra, bem como de toda a gama de preconceitos que o termo e a condição infundiam aos sujeitos que nasciam sob essa sorte. A obra de Condé oferece de modo contundente uma crítica ao preconceito racial.

A escritora, recuperando um fato histórico, apresenta desde o princípio uma personagem marcada pela condição de negra no período, sendo concebida por meio de um estupro no interior do navio negreiro, ela se mostra detentora de uma espécie de destino, que assinalaria toda a sua existência, num momento em que ser negro e saber trabalhar com elementos naturais significava ser feiticeira em meio à sociedade puritana, que condenava certas práticas, apontando um caráter herege ou demoníaco na arte de Tituba.

A personagem vem de uma origem africana e foi educada a partir das crenças de seus antecedentes; Man Yaya ensina para Tituba a importância dos elementos naturais e a força da natureza e dos invisíveis. Desse modo, a personagem não reconhece o valor dos ensinamentos cristãos, preservando a cultura que lhe foi ensinada, não vendo sentido nas orações cristãs, repetindo-as apenas para agradar John Índio, ao repetir as rezas, pensava consigo: “essas palavras não significavam nada para mim. Aquilo em nada se parecia com o que Man Yaya tinha me ensinado.” (CONDÉ, 1997, p. 39) Assim, a escritora manifesta por meio da personagem a valorização e preservação da cultura africana.

Outro momento em que Tituba questiona as práticas cristãs ocorre no momento de confissão, já na família de Samuel Parris, em que a personagem

recusa se submeter a essa prática: “- Por que me confessar? O que se passa na minha cabeça e no meu coração só diz respeito a mim.” (CONDÉ, 1997, p. 59). Nesta passagem, identifica-se a resistência de Tituba contra a cultura dos brancos, que não se assemelhava e nunca se assemelharia com as suas crenças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No romance **Úrsula**, de Maria Firmina dos Reis, bem como em **Eu, Tituba, Feiticeira... Negra de Salém**, de Maryse Condé, as personagens negras Susana e Tituba têm suas identidades construídas progressivamente, ambas expressadas através da memória de um passado evocado pela voz das próprias personagens.

A obra de Maria Firmina dos Reis destaca-se no contexto da literatura afro-brasileira através do ponto de vista demonstrado pela escritora, que não mantém o negro na posição de submissão comumente relegada a ele em tantos outros romances do período oitocentista.

Maria Firmina dos Reis, ao construir personagens como Susana com um caráter digno e virtuoso e não embutido de sentimentos ruins, desconstrói um pensamento dominante em relação à figura dos escravizados, demonstrando a consciência em relação a sua condição e promovendo a denúncia contra toda uma instituição, e não apenas porque um ou outro negro era merecedor de compaixão, mas, sim, porque a instituição era odiosa. O argumento cristão é utilizado na narrativa para apontar a hipocrisia dos senhores, demonstrando ao leitor a desigualdade de relações e a crueldade com que o sistema escravocrata era mantido.

Já Maryse Condé, representando a literatura de língua francesa, concebe uma personagem que é gerada dentro do navio negreiro, o que a torna figura que pode simbolicamente ser representada como um dos tipos de migrantes apresentados por Glissant, uma migrante nua, assim como Susana, e tantas outras personagens, reais ou fictícias, que permeiam a história da escravidão em diversos países.

No romance de Maryse Condé, a personagem Tituba passa por um crescimento progressivo do reconhecimento de sua situação como negra, bem como de toda a gama de preconceitos que o termo e a condição infundiam aos sujeitos que nasciam sob essa sorte. A obra de Condé oferece de modo contundente uma

crítica ao preconceito racial. A escritora, recuperando um fato histórico, apresenta desde o princípio uma personagem marcada pela condição de negra no período, que se mostra detentora de uma espécie de destino, num momento em que ser negro e saber trabalhar com elementos naturais significava ser feiticeira em meio à sociedade puritana, que condenava certas práticas, apontando um caráter herege ou demoníaco na arte de Tituba.

REPRESENTACIONES DE LA MUJER NEGRA EM LAS NOVELAS URSULA Y EU, TITUBA, FEITICEIRA... NEGRA DE SALEM

RESUMEN

En este trabajo nos proponemos analizar la novela africano-brasileño **Ursula**, de Maria Firmina dos Reis, en relación con la obra de la escritora guadalupense Maryse Condé, **Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem**, tomando como punto de partida dos personajes centrales de las dos narrativas: Susana y Tituba, dos mujeres negras que tienen en común el trauma de tener en su historia la marca de la travessia en el sótano del barco de esclavos entre los continentes africano y americano. Susana, aunque joven, capturado en su continente de origen en África; y Tituba, en el vientre de su madre, concebida por una violación dentro de la nave. Susana se muestra como un personaje clave en la comprensión de la posición de Maria Firmina dos Reis; para narrar su cautiverio en primera persona, en el Capítulo IX de la novela, el personaje de África demuestra plenamente consciente de la situación del negro que está esclavizada y se transporta la fuerza de su tierra natal. En la obra de Maryse Condé, la recuperación de un hecho histórico del siglo XVII, el escritor tiene desde el principio un carácter marcado por la condición de negro en el período, apareciendo como tener una especie de destino que marcaría toda su existencia. Por lo tanto, ambos tienen una forma de representar a la mujer negro estadounidense, colocando sus historias en ciertos lugares y tiempos acabar enfoque con respecto a la condición tanto en medio de las sociedades patriarcales.

Palabras clave: Susana. Tituba. Sociedad patriarcal. Esclavitud.

REFERÊNCIAS

CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 234 p.

CUCHE, Denys. O debate franco-alemão sobre a cultura ou a antítese “cultura-civilização” (século XIX – início do século XX). In _____. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999. 256 p.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira**, Brasília, n° 31, p. 11-23, jan-jun 2008

_____. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis de; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. v. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 375-400

_____. Posfácio. In: REIS, Maria Firmina. **Úrsula**. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. p. 265-281.

GLISSANT, Édouard. **Introdução à uma poética da diversidade**. Juiz de fora: Editora UFJF, 2005. 174 p.

HANCIAU, Núbia. **A feiticeira no imaginário ficcional das Américas**. Rio Grande: Ed. Da Furge, 2004. 380 p.

MENDES, Algemira Macedo. **Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da Literatura Brasileira**: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX. 282f. 2006. Tese (Doutorado em Letras). PUC Rio Grande do Sul, 2006.

MENDES, Melissa Rosa Teixeira. **Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. 149f. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2013.

MORAES FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina, fragmentos de uma vida**. São Luís: COCSN, 1975.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Submissão e resistência**: a mulher na luta contra a escravidão. São Paulo: Contexto, 1988. 88 p.

MUZART, Zahidé. Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v.2, n.2, p. 261-275, out. 2013.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula; A escrava**. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. 281 p.

SOUSA, Fabiana dos Santos, SOUZA, Élio Ferreira. **Identidade e religiosidade afrodescendentes no romance Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem de Maryse Condé**. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2013_1434406263.pdf>. Acesso em: 23 out. 2014.